



DOENÇAS E MORTALIDADE DE ESCRAVOS NO BRASIL OITOCENTISTA: BREVE EXAME DA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA RECENTE (2004-2014)

José Mauriene Araújo Felipe
Doutorando em História – UFES

RESUMO – Faz-se um exame sumário de um assunto ainda considerado pouco explorado nos campos e domínios das Ciências Históricas: a produção de pesquisas sobre doenças e mortalidade de escravos no Brasil oitocentista. A consciência de que este assunto é um ramo dos “Estudos Históricos das Doenças e da Saúde” não diminui sua emergência para desenvolvimento de pesquisas sobre especificidades de uma temática ainda em fase inicial de delineamento. Entende-se que elencar material sobre doenças, cura, saúde, longevidade e mortalidade de escravos no Brasil oitocentista e fazer um breve exame desse mesmo material produzido durante o recorte temporal que vai de 2004 a 2014 é contribuir para evidenciar tanto a importância de estudos “pioneiros” quanto apontar para a necessidade de se problematizar o assunto com acuidade e continuamente.

Palavras-chave: Doenças de Escravos; Historiografia; Brasil Oitocentista.

ABSTRACT – It is a brief examination on a subject matter not yet explored as it should be in the fields of action and or areas of *Historical Sciences*: the production of research on diseases and mortality of slaves in nineteenth-century Brazil. The awareness that this is a branch of the *Historical Studies of Disease and of Health* does not reduce at all the importance for the research development on peculiarities of something still in its initial stage of tracing. It is understood that compiling material on disease, healing, health, longevity and mortality of slaves in 19th century Brazil, and also that doing a brief examination of this same material produced during the timeframe which runs from 2004 to 2014 is to contribute to highlight the importance of pioneers researches as well as to point out the emergency for discussing the subject matter with accuracy, and continuously.

Keywords: Slave Disease; Historiography; Nineteenth-century Brazil.

A ideia de eleger o período de 2004 a 2014, para demarcar o recorte cronológico deste estudo, teve como motivação precípua o *I Seminário História das Doenças*, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, em 2004. Esse foi um primeiro encontro, uma iniciativa levada a termo pela Coordenadoria dos programas de pesquisas da Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ em parceria com a Coordenadoria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Em tempo recorde, no mesmo ano foi publicado, como importante registro daquele seminário inaugural, o primeiro livro de uma série hoje composta de quatro, denominada de “Uma História Brasileira das Doenças”. O impacto desse primeiro encontro, seguido de publicação do vol. 1, serviria como pontapé inicial para motivar um punhado de historiadores (e de profissionais de outras áreas do conhecimento humanístico e médico) naqueles instantes iniciais. Essa efervescência foi suficiente para viabilizar a realização do *II Seminário História das Doenças*, apenas dois anos depois – em 2006. O propósito de organizar e aprofundar os debates do primeiro evento ensejou a publicação do vol. 2 da série, também em 2006.

Dois eventos extraordinários e inovadores ocorreram no âmbito das Ciências Históricas, Ciências Médicas, etc. com dois livros publicados ao longo de um biênio apenas. Essa periodicidade bienal seria alterada, por razões acadêmico-imperativas diversas. Felizmente, os ânimos dos dois primeiros eventos não congelaram. Por ocasião do terceiro evento, levaram-se em conta algumas alterações para melhoria de alguns fatores, conforme explicitação a seguir:

A periodicidade bienal, que acompanhava a da realização dos Seminários de História das Doenças, foi seguida no lançamento dos dois primeiros volumes. No entanto, este terceiro volume amplia a periodicidade da coletânea – necessidade para manter seu caráter de seleção de trabalhos que abordam novos temas, novos enfoques e aportes teóricos para a construção de interfaces disciplinares (NASCIMENTO e CARVALHO, 2010, p. 7).

Em 2008, foi realizado o *III Seminário História das Doenças*, na cidade do Rio de Janeiro, e dois anos depois – em 2010 – foi publicado o vol. 3 de “Uma História Brasileira das Doenças”. Além dos motivos pontuados na citação acima, um dos fatores determinantes na ampliação da periodicidade de dois para quatro anos na publicação da série teve como força motriz o aumento na demanda de estudiosos

interessados em participar dos eventos em questão e mostrar ao público interessado os resultados de suas pesquisas, em certa medida, de caráter pioneiro. As melhorias feitas na coordenação do terceiro evento (em 2008) e a respectiva publicação de textos na modalidade de coletânea (em 2010) seriam fundamentais para dar novos rumos, ensejar novos estudos e, surpreendentemente, mudar o lócus do evento. Visava-se a busca de alternativas, ampliação de horizontes e expectativas ousadas.

Essas mudanças oportunizariam outras perspectivas: alteração da nomeação do evento e de seu deslocamento da cidade do Rio de Janeiro/RJ para Vitória-ES. O que deveria ser o *IV Seminário História das Doenças* passou a ser denominado de *I Colóquio de História das Doenças*, ocorrido nos dias 30 e 31 de julho de 2013, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em História–PPGHis, da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, em parceria com a Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. O evento teve a participação de estudiosos de vários Estados brasileiros. Foi o início da inserção do Estado do Espírito Santo na comunidade e continuidade daquilo que começou em 2004. No mesmo ano em que ocorreu o *I Colóquio de História das Doenças*, foi editado o vol. 4 da série. A escassez de pesquisadores do ES presentes nesse primeiro colóquio seria uma razão a mais para incentivar a Coordenação do PPGHis-UFES a promover o *II Colóquio de História das Doenças*, ocorrido em agosto de 2014. No entanto, o que demarca o final do recorte temporal neste estudo é o ano de lançamento do vol. 4 de “Uma História Brasileira das Doenças”, ocorrido em março de 2014. Além desse lançamento, acrescenta-se ainda um estudo sobre doenças, saúde e mortalidade de escravos, desenvolvido em outro Estado brasileiro, o que será apreciado mais adiante.

Na sequência, adentra-se naquilo que é o objeto deste estudo: um breve exame da produção historiográfica recente – 2004 a 2014 – em torno das doenças de escravos no Brasil oitocentista. “Uma História Brasileira das Doenças” não é “Uma História Brasileira das Doenças de Escravos”. Entretanto, consideram-se os quatro volumes da aludida série como fundamentais para a motivação de estudos sobre morbidades de escravos africanos brasileiros de quaisquer períodos. É fato: não se tem como negar a acalorada recepção de historiadores e de outros profissionais de Humanidades, de Ciências Médicas, etc. Desde 2004, percebe-se

aumento no grau de interesse desses profissionais, sobretudo historiadores, para dar início a uma tarefa no mínimo árdua, cujas fontes antecedem muito o ano de 2004. Foi a partir desse ano que se deu início às primeiras pesquisas de fato sobre doenças, cura, saúde, longevidade e mortalidade de escravos no Brasil colonial e oitocentista. Ainda assim, apenas se tocou a ponta do *iceberg*.

Escravos no Brasil do século XIX: tipologia das pesquisas e a quem interessam os estudos de suas doenças

A produção historiográfica sobre doenças de escravos no Brasil oitocentista, brevemente examinada neste estudo, tem o caráter de um exercício introdutório no que diz respeito ao desenvolvimento de “Uma História Brasileira das Doenças de Escravos” (seja do Brasil colonial ou imperial), ainda por ser feita. Os procedimentos para a coleta de material escrito especificamente sobre o tema, publicado ou não, tiveram como motivação a aquisição do maior número possível de pesquisas desenvolvidas entre 2004 e 2014. Como era de esperar, no todo esse material é limitado e pouquíssimos estudos publicados foram encontrados. Grosso modo, os estudos em referência estão quase todos disponíveis on-line, como resultado de um evento menor imbricado em outro maior, seja de âmbito local, regional ou nacional. Também se pode encontrar parte desse material em CD-ROM enquanto produto final de estudos apresentados em um seminário temático.

No que diz respeito à tipologia característica dos estudos em alusão, sua produção pode ser classificada em: capítulos de livros-coletâneas sobre doenças e saúde em geral; capítulos e ou passagens de livros sobre escravidão de africanos no Brasil; um dicionário sobre escravidão negra no Brasil; artigos publicados em revistas especializadas em doenças e saúde em geral; artigos disponíveis on-line; anais de eventos e correlatos disponíveis em CD-ROM; uma Dissertação de Mestrado e duas Teses de Doutorado em História.

Quanto aos interessados nos estudos sobre doenças de escravos negros no Brasil, em um primeiro momento pode se afirmar que eles foram, em 2004, bem poucos. No *I Seminário História das Doenças*, ocorrido em 2004, nota-se que os estudos sobre doenças e mortalidade de escravos foram considerados apenas dentro dos contextos extremos dos surtos epidemiológicos, que caracterizaram os meados

do século XIX, tais como febre amarela, varíola e cólera (CHALHOUB, 2006). Já no que concerne às interfaces resultantes dos estudos no evento em pauta, “[...] o diálogo de pesquisadores de variada formação, com as mais diversas abordagens metodológicas, tendo por objeto a história das doenças” (NASCIMENTO, CARVALHO e MARQUES, 2006, p. 7) foi, por assim dizer, um sucesso.

Foi na continuidade dos *II e III Seminários História das Doenças* (ocorridos em 2006 e 2008, sequencialmente) e da realização dos *I e II Colóquios de História das Doenças* (ocorridos em 2013 e 2014, respectivamente) que o número de estudiosos, sobretudo historiadores, interessados em pesquisar as doenças de escravos negros no Brasil (século XIX) fluiu consideravelmente. Ainda assim, até

2014 o número de acadêmicos motivados pela temática é considerado pouco. Em relação a profissionais de outras áreas do conhecimento, citam-se antropólogos, sociólogos, cientistas sociais, demógrafos, jornalistas, arqueólogos, paleontólogos, um número reduzido de profissionais de Ciências Médicas, etc. Não obstante, nenhum desses profissionais deu início às suas pesquisas a partir do “nada”, ou de um marco zero imaginário. Esses profissionais, com destaque para os “pioneiros” que realizaram o *I Seminário História das Doenças*, tiveram como suporte alguns escritos acadêmicos e empíricos (e contatos com um lastro documental inestimável de fontes ainda por serem desveladas) que remete o leitor aos Jesuítas do período colonial, numa viagem evolutiva por vários períodos da História do Brasil, até o tempo dos cientistas, ou dos acadêmicos do final do século XX.

Os escravos e suas doenças como objeto de estudos acadêmicos: alguns antecedentes históricos

As razões motivadoras para que doenças e mortalidade de escravos viessem a ser objeto de pesquisa acadêmico-científica na atualidade são bem anteriores ao ano de 2004. Porém, antes de abordar estudos anteriores à sumária produção acadêmica relativa ao período 2004 a 2014, é imperativo fazer-se breve comentário a um livro paradigmático, considerado “[...] uma obra magnífica, destinada a abrir uma nova era nos estudos da escravidão brasileira” (CARDOSO,

1982, p. 10). Trata-se do “Ser Escravo no Brasil”, da autoria de Kátia M. de Queirós Mattoso, 1982.

Nesse livro, autora e pesquisa se confundem num estudo de síntese sobre o período colonial e imperial. “Audácia de querer abordar tema tão amplo, de um país tão vasto, num período tão extenso. [...] Um país vinte vezes maior do que a França” (MATTOSO, 1982, p. 11). É uma obra, pois, ambiciosa. Entretanto, esse período de longa duração braudeliana não prejudica a síntese de estruturas que combinam bem as peculiaridades locais e regionais com política e cultura da escravocracia nacional. Até 1982 (ano da publicação brasileira da obra), os estudos sobre o ser escravo em qualquer região do país tinham tanto questões mal desenvolvidas por pesquisadores da escravidão negra quanto questões ainda não abordadas por esses estudiosos, tais como: a) A não generalização da escravidão a uma única região do Brasil “[...] ou a partir das realidades que afetavam a um só tipo de escravos (os domésticos, por exemplo), [...] o tema da alforria e dos libertos, raramente visto em detalhe neste país [...]” (CARDOSO, 1982, p. 9); b) Apresentação de discussões pioneiras sobre as sociabilidades e solidariedades construídas por e entre escravos, entre escravos e senhores (e vice-versa), entre escravos e libertos (e vice-versa), durante o extenso processo de escravismo que imperou no Brasil por mais de três séculos.

“Ser Escravo no Brasil” denuncia “graves lacunas” nos estudos sobre escravidão desenvolvidos por intelectuais brasileiros, ao longo de 50 anos (de 1930 a 1980). A gravidade dessas lacunas diz respeito a questões de ordem teórica e, sobretudo, à metodologia (CARDOSO, 1982). Os estudos de Mattoso contribuem para dar início ao que se passou a chamar de *História Social da Escravidão no Brasil*. O “Ser escravo no Brasil” é citado por pesquisadores de doenças e saúde escrava mais pela novidade de nele ser recusado o velho modelo político-econômico escravocrata como única via possível para o desenvolvimento de pesquisas e ser introduzido um leque rico de sociabilidades e solidariedades tão caras à formação de laços afetivos por e entre escravos, entre escravos e seus senhores, etc.

Isto posto, infere-se que quase todo o século XX se passou sem que a temática “Doenças e Mortalidade de Escravos” motivasse o interesse

dos intelectuais brasileiros, fosse abordando-a a nível local, regional ou nacional. Em “Casa-grande & senzala”, publicado em 1933, encontram-se passagens sumárias e muito esparsas sobre alguns tipos de doenças de escravos negros. Na 51ª edição dessa obra, pode-se destacar o seguinte: a) “[...] diz-nos Jobim que, em 1835, anotou as seguintes moléstias, como predominantes entre os operários e escravos domésticos do Rio de Janeiro: sífilis, hipertrofia do coração, reumatismo, bronquite, afecções das vias aéreas, pneumonias, pleurises, pericardites [...] tétano, hepatites [...]” (FREYRE, 2006, p. 553). O número de “moléstias” é levado em conta sem mais nenhum comentário feito por parte do autor; b) Em uma das “Notas do Capítulo V” – a de número 137 – está registrado pequeno texto sobre o negro africano como sendo a origem e ou o portador de doenças trazidas para o Brasil:

Segundo o professor Otávio de Freitas, em trabalho lido no 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife (novembro, 1934), foram as seguintes as doenças trazidas ao Brasil pelos “negros bichados”: bicho-da-costa, maculo, boubá, guandu, frialdade, ainhum, bicho-de-pé, filarias. O assunto – a origem dessas e de outras doenças outrora comuns no Brasil – pede estudo mais demorado (FREYRE, 2006, p. 572).

Os estudos freyreanos são considerados “clássicos” no que diz respeito à compreensão do sistema escravocrata brasileiro a partir das ideias e visões do próprio autor. Porém, as pesquisas sobre escravidão que se vem desenvolvendo desde os anos 1980 conduzem a abordagens orientadas por outros domínios, seja no campo da História, Antropologia, Sociologia, etc. “Sem dúvida, a obra de Gilberto Freyre, da década de 1930, destaca-se pelo êxito em termos de apresentação e circulação de suas idéias” (PIMENTA, 2001, p. 1).

Ao longo da primeira metade do século XX, nos Estados Unidos da América, por exemplo, estudos sobre doenças, saúde, mortalidade, etc. de escravos já tinham sido largamente pesquisados, tendo como embasamento fontes preciosas, tais como depoimentos de negros escravos americanos concedidos a pesquisadores locais (CARDOSO, 1982). No Brasil, o único trabalho acadêmico-científico existente de fato sobre doenças e mortalidade de escravos negros foi produzido por uma brasilianista norte-americana, cujo nome e obra passaram a ser referência obrigatória por parte de acadêmicos estudiosos de escravidão em geral e daqueles iniciadores dos estudos ainda recentes sobre as doenças e mortalidade de escravos. Trata-se da historiadora Mary C. Karasch, que publicou em 1987 o

livro *Slave life in Rio de Janeiro (1808-1850)*, pela Princeton University Press. Essa obra pioneira e “destruidora” de velhos paradigmas da historiografia escravista brasileira (SOARES, 2001), só veio a ser publicada no Brasil no ano de 2000, com o título de “A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)”.

Os registros sobre a presença de Mary C. Karasch no Brasil, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, datam de 1968 (SOARES, 2001). Fato curioso: à época em que a brasilianista desembarcou no Brasil, a moda acadêmica de então eram os ensaios sociológicos, com certo “desprezo” por parte dos pesquisadores universitários pelos acervos históricos. “Mary encontrou salas de arquivos vazias de gente, mas repletas de documentos, contradizendo a máxima tão falada à época de que Rui Barbosa tinha queimado todos os registros da escravidão nos primórdios da República” (SOUZA, 2001, p. 421). Um prato cheio para uma brasilianista muito bem preparada nos Estados Unidos da América.

Para dar conta dos inúmeros aspectos da vida dos escravos considerados no livro, Karasch recorreu a vários tipos de fontes, cujos dados são bem organizados e utilizados no decorrer do texto. É de se notar a quantidade de relatos de viajantes — em torno de duas centenas —, assim como a quantificação dos preciosos registros de enterros da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. [...] foram pesquisados correspondências da polícia, registros notariais, casos jurídicos e testamentários, petições de escravos protestando contra tratamento cruel, teses médicas do século XIX, [etc.] (PIMENTA, 2001, p. 2).

“A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)” não é nem uma obra de síntese nem aborda estruturas a nível regional ou nacional: seu foco central é a vida cotidiana de escravos negros em contexto urbano – no Rio de Janeiro, a capital do Brasil Império. Entretanto, Karasch (2000) viabilizou neste século XXI oportunidades para que estudos abrangentes sobre “Doenças e Mortalidade de Escravos” fossem abraçados por considerável número de pesquisadores simpatizantes.

Os que resenham e resumem a obra em apreço são unânimes no que concerne ao pioneirismo, à utilização de enorme quantidade de fontes, ao desvelar e oferecer pesquisa sobre temáticas inéditas, conforme já referenciado neste tópico. Entretanto, há quem se refira à obra de Karasch (2000) como sendo mais descritiva do que teórica, sem deixar de reconhecer sua enorme importância para os pesquisadores brasileiros, pois é fato que

[...] uma americana fez nossa lição de casa [...] O intuito de Mary Karasch não é propor uma nova teoria sobre o sistema escravista. Fiel ao estilo [...] dos historiadores anglo-americanos, ela prefere descrever a realidade a elucidar. E a realidade que lhe interessa está no cotidiano dos cerca de 80.000 escravos que viviam no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX – a maior população urbana de cativos das Américas (GRAIEB, 2000, p. 2).

Segundo Porto (2008), pesquisadora de doenças e mortalidade de escravos, não se pode deixar de registrar o fato de que os estudos de Karasch são até hoje incomparáveis. O Capítulo 6 – denominado de “As armas dos feiticeiros’: doenças” – tornou-se uma espécie de “bíblia” para os pesquisadores de morbidades escravas. Esse capítulo é exclusivamente dedicado à pesquisa sobre doenças e morte de escravos africanos (homens, mulheres e crianças). A autora classifica com esmero doze tipos principais de morbidades e a partir delas desenvolve um estudo meticuloso, levando em consideração a morte por sexo e idades para cada uma das doze moléstias referidas por período.

“A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)” tem o mérito de reunir em 650 páginas estudos abrangentes sobre os escravos traficados da África para o porto da capital Império brasileiro. Em sua pesquisa, essa autora penetrou em vidas cotidianas de cativos negros como ninguém houvera feito antes. Para muito além da questão de ordem econômica, os escravos em Karasch (2000) são humanizados: eles têm cultura, fazem parte de grupos religiosos, têm casas (choupanas, mas que são suas casas) para morar, solidarizam-se, adoecem, são as maiores vítimas das epidemias, lutam contra a morte e morrem mesmo assim, mas têm dignidade e até resistem à invasão das moléstias, a despeito de as Américas terem devorado os negros africanos ao longo de séculos.

Doenças e mortalidade de escravos no Brasil oitocentista: um breve exame da produção historiográfica recente – de 2004 a 2014

Os estudos modernos sobre doenças e mortalidade de escravos do Brasil oitocentista são ao mesmo tempo recentes e bastante escassos. Ainda não é possível afirmar-se que existe uma produção historiográfica em proficiência sobre doenças, cura, saúde, longevidade e mortalidade de escravos daquele período da história de servidão cativa no Brasil. Por outro lado, de acordo com a percepção de pesquisadores mais preocupados com essas questões na atualidade, infere-se que

nem tudo está por ser feito: alguma coisa já foi produzida.

Neste tópico, faz-se um breve exame da produção historiográfica muito recente sobre doenças de escravos no Brasil oitocentista. O período escolhido para a elaboração dessa análise compreende o recorte temporal de 2004 a 2014.

Foram 11 anos usufruídos por estudiosos, sobretudo historiadores, entusiasmados pela construção de um saber que mal começou a dar seus primeiros passos. O número desses estudiosos não é elevado, pois ao eleger-se a face escravista do século XIX brasileiro, os trabalhos sobre morbididades de escravos, de pesquisadores que privilegiaram séculos anteriores ao Oitocentos, não puderam ser levados em conta para o exame aqui proposto. Isso justifica, em parte, esse número reduzido da produção historiográfica aqui apresentada. Outrossim, enfatiza-se que o exame aqui proposto não tem o caráter de um trabalho em profundidade, no que diz respeito a questões de ordem teórica, metodológica, levantamento detalhado de fontes e ou material bibliográfico utilizado, etc. O leitor perceberá nas entrelinhas que os esforços envidados são mais no sentido de evidenciar a escassez de estudos majoritariamente qualitativos do que fazer denúncias vazias sobre a reduzida quantidade de pesquisas a que se teve acesso.

Quanto aos trabalhos coletados para serem examinados a seguir, eles estão distribuídos em oito sub-tópicos: III.1 Capítulos de quatro coletâneas; III.2 Um dicionário; III.3 Um livro; III.4 Um capítulo de uma coletânea; III.5 Um Relatório Final de Projeto de Pesquisa; III.6 Vinte e três (23) Artigos; III.7 Um CD-ROM contendo 15 Artigos; III.8 Uma Dissertação de Mestrado e duas Teses de Doutorado.

É importante registrar que grande parte desse material historiográfico resulta de eventos diversificados: simpósios; encontros locais; simpósios temáticos dentro de encontros regionais ou nacionais; colóquios, encontros sobre escravidão e liberdade; etc. Na sequência, faz-se um brevíssimo exame (mais quantitativo do que qualitativo) desse material historiográfico, descrevendo cada um dos oito tópicos nomeados no parágrafo mais acima.

Capítulos de quatro coletâneas sobre história social das doenças no Brasil

Os quatro volumes de “Uma História Brasileira das Doenças” resultaram de três

seminários denominados de *História das Doenças* e de um encontro nominado de *Colóquio de História das Doenças*, conforme já explicitado na introdução deste estudo. No vol. 1, as questões sobre morbidades e morte de escravos estão diluídas em capítulos que tratam das grandes epidemias ocorridas em meados do século XIX. No vol. 2, encontra-se a pesquisa “As Doenças dos Escravos: Um Campo de Estudo para a História das Ciências da Saúde”, da autoria de Betânia G. Figueiredo. O capítulo tem o mérito de apontar “caminhos” para o pesquisador iniciante no assunto. A autora reconhece que a temática “[...] não é muito explorada pela historiografia brasileira e são esparsas as referências internacionais relativas à saúde da população escrava. [...] Há uma série de trabalhos que investigam a saúde dos escravos, mas como ponto adjacente às análises centrais” (FIGUEIREDO, 2006, p. 252). No vol. 3, o Capítulo 4 é nominado de “Vida e morte escravos no Rio de Janeiro Oitocentista, 1820-1836”, escrito por Keith Barbosa. A análise de um inventário de escravo fugitivo, o preto Luis, 28 anos, abre o texto como antecipação do que a autora denomina a seguir de *Caminhos e percursos* (sendas e trilhas ainda por serem desbravadas). Fato crucial: “Na historiografia brasileira, não são numerosas as abordagens relacionando doenças, escravidão e medicina coloniais e pós-coloniais” (BARBOSA, 2010, p. 90). No entanto, a autora não desanima e vislumbra novos cenários e contextos para os estudos sobre doenças e morte de escravos. Por fim, no vol. 4 encontra-se a pesquisa “Relatos sobre as condições de saúde dos escravos no Brasil”, da autoria de Alisson Eugênio. Apesar do tom genérico enunciado no título desse estudo, o autor justifica que “A escravidão apresenta muitas faces. Uma mais antiga e outra mais moderna. Em ambas, havia uma de feições urbanas e outra de feições rurais; uma de caráter doméstico e outra extra-doméstica” (EUGÊNIO, 2013, p. 11). No percurso de seu trabalho, o autor trata das mazelas do cativo, do testemunho dos médicos e dos viajantes.

Um dicionário sobre a escravidão negra no Brasil

A obra “Dicionário da Escravidão Negra no Brasil”, ainda pouco conhecida, do Cientista Social e Historiador Clóvis Moura, edição de 2004, é um achado e tanto para pesquisadores ávidos de conhecimento sobre escravidão em geral e também sobre doenças e mortalidade de escravos. Entre quase mil verbetes, é possível encontrarem-se “tesouros” inestimáveis no que concerne a especificidade do tema

deste estudo. Verbetes tais como “Doenças”, “Mortalidade”, “Enterro de escravos”, “Igrejas de pretos”, “Irmandades de pretos”, “Seguro contra a mortalidade de escravos”, “Cemitério de escravos”, “Os escravos e a feitiçaria” e “Feiticeiros africanos” são alguns dentre outros. “O fôlego do historiador, já testado em seus numerosos livros, está presente nas centenas de verbetes, alguns dos quais são verdadeiras teses” (PEREIRA, 2004, p. 10).

Um livro sobre tráfico negreiro

A obra “De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)”, da autoria de Jaime Rodrigues, edição de 2005, surpreende pelo recorte temporal de longa duração braudeliana, cujo objetivo é desvendar as tramas de complexas relações entre marinheiros e intermediários que traficaram centenas de milhares de escravos, numa jornada entre dois continentes distantes, África e América do Sul, separados pelo Atlântico. Na Parte III, encontra-se o Capítulo 8, intitulado de “Saúde e artes de curar” (p. 252- 296). São 45 páginas sobre doenças, saúde e curandeirismo de escravos.

[...] a constatação das potencialidades da medicina popular [...] a ocorrência das doenças [...] também o papel dos curandeiros e ‘suas artes de curar’ [...] É de experiências dessa natureza que este capítulo trata, bem como da desconsideração de conhecimentos similares por parte de alguns profissionais da medicina oitocentista (RODRIGUES, 2005, p. 253)

Um capítulo de uma coletânea sobre tráfico e cativeiro

Para os interessados em conhecer as doenças de escravos adquiridas durante o longo processo de travessia dos tumbeiros pelo Atlântico, na coletânea “Tráfico, cativeiro e liberdade: Rio de Janeiro, séculos XVII-XIX”, organizada por Manolo Florentino, edição de 2005, tem um interessante capítulo denominado de “Arquitetura naval: imagens, textos e possibilidades de descrição dos navios negreiros”, escrito por Jaime Rodrigues (páginas 79-123). São 45 páginas de textos sobre as condições inumanas (ao extremo) do transporte de escravos da África para o Brasil. O capítulo é rico de detalhes sobre a construção, modelos e origem dos navios negreiros. As ilustrações sobre as partes internas dos tumbeiros chocam pela visível fragilidade de embarcações destinadas a lotar seus porões de escravos, numa travessia que durava meses. Em tais condições, o terror das doenças, seguido de traumas em face de mortes, tornava a travessia em uma

experiência difícil de precisar, por mais que os esforços de viajantes e historiadores tentem demonstrar.

A relação entre tempo de viagem e mortalidade é clássica na historiografia. Mas, de acordo com James Riley, existem outros fatores cujos efeitos não têm sido examinados com mais clareza na literatura acadêmica. É certo que, **na curva das taxas de mortalidade, o ponto alto encontrava-se no tempo transcorrido no mar, onde aconteciam mais mortes do que em terra** (RODRIGUES, 2005, p. 110, grifos nossos).

Um Relatório Final de Projeto de Pesquisa – Universidade Severino Sombra

A ideia de incluir neste levantamento historiográfico um Relatório Final de Projeto de Pesquisa tem como objetivo demonstrar a conclusão meticulosa de estudos sobre doenças e mortalidade de escravos, levada a termo por duas pesquisadoras de Instituição de Ensino Superior (IES) particular. Considera-se o encontro desse documento disponível on-line um “achado”. Geralmente, o que se disponibiliza na Internet são resultados, publicados ou não, de projetos de pesquisas. Raramente um Relatório Final é disponibilizado para o público.

Título da pesquisa: “Saúde, Doenças e Morte dos Escravos: Vassouras, Século XIX”. Categoria: “Projeto Integrado”. O documento foi apresentado à IES em dezembro de 2001 e o processo das pesquisas teve a duração de dois anos – de 2002 a 2003 –, tendo sido o Relatório Final concluído em fevereiro de 2004.

Objetivo central do projeto: “[...] análise das condições de vida dos homens e mulheres escravos observando-se a mortalidade seja por faixas etárias ou pelas causa-mortis, e finalmente pelos locais de sepultamento (igrejas, cemitérios ou fazendas)” (FALCI e ALMEIDA, 2004, p. 3). Importante ressaltar que as fontes, disponíveis em considerável quantidade, estavam distribuídas em dois locais: 1) Centro de Documentação Histórica da IES; e 2) Casa de Hera. Além das fontes matriciais disponíveis nessas duas localidades, “Foram lidos e analisados os livros de vários viajantes do século XIX que retratam a vida dos escravos e foi feita uma revisão historiográfica sobre o assunto” (FALCI e ALMEIDA, 2004, p. 3).

Vinte e três (23) Artigos versando sobre doenças, cura, saúde, longevidade e mortalidade de escravos

Neste tópico, apresenta-se uma compilação de vinte e três (23) “Artigos”

(resultantes de estudos ou pesquisas) sobre “doenças de escravos” – século XIX. É importante ressaltar que esses vinte e três trabalhos foram meticulosamente coletados ao longo de dois anos – 2013 e 2014 – pelo autor deste estudo. Trata-se, pois, de uma amostragem temático-numérica a cerca de uma das dinâmicas que giraram em torno da produção historiográfica recente (2004-2014). Enfatiza-se que a amostragem disposta abaixo resulta de levantamento do que se pode coletar durante o período supramencionado. O objetivo final não foi computar e registrar 100% das pesquisas desenvolvidas sobre a mesma temática para o recorte temporal recente em apreço. Além do mais, é fácil de perceber que alguns títulos aqui apresentados já são “velhos” conhecidos: estudos que se transformariam em capítulos de coletâneas (livros) sobre história das doenças no Brasil.

Produção Historiográfica sobre “doenças de escravos”, Século XIX –
Apresentação e ou Publicação de Artigos entre 2004 e 2014 –

<u>Ano</u>	<u>Título</u>	<u>Autor(es)</u>	<u>Evento</u>	<u>Divulgação</u>
2004	—	—	—	—
2005	– Negociando cuidados e liberdades: as práticas de saúde, doença e cura entre senhores e escravos (século XIX) – Autora: Nikelen Acosta Witter – Evento: II Encontro “Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional” – Divulgação: Internet.			
2006	– O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas – Ângela Porto – — - Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro – v. 13, n. 4, p. 1019-27, out.-dez. 2006.			
2006	– Doenças dos escravos, doenças africanas? – Diana Maul de Carvalho – XII Encontro Regional História: Usos do Passado – ANPUH Rio de Janeiro – Internet.			
2006	– Doenças dos escravos – Miridan Britto Falci – XII Encontro Regional de			

História: Usos do Passado – ANPUH Rio de Janeiro – Internet.

2007

2008 – Fontes e debates em torno da saúde do escravo no Brasil do século XIX – Ângela Porto – — – *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 726-734, dezembro, 2008 (Suplemento).

2008 – Escravidão, mortalidade e doenças: notas para o estudo das dimensões da diáspora africana no Brasil – Keith V. de O. Barbosa – Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP, 08/12 de set. 2008 – Anais CD-ROM.

2009 – Doenças e escravidão: novas dimensões da experiência negra no Brasil na primeira metade dos oitocentos [sic] – Keith Valéria de Oliveira Barbosa – 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional: 13/15 maio de 2009 – Curitiba – Internet.

2009 – Antiescravidão e epidemia: “O tráfico dos negros considerado como a causa da febre amarela”, de Mathieu François Maxime Audouard, e o Rio de Janeiro em 1850 – Kaori Kodama – — – *Revista História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, abr.-jun. 2009, p. 515-522.

2009 – Práticas de saúde, doenças e sociabilidade escrava na Imperial Fazenda de Santa Cruz, da segunda metade do século XIX – Júlio César Medeiros da Silva Pereira – — – *Histórica: Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, nº 35, 2009.

2009 – Trabalho e Morte: Um Estudo das Causas de Falecimento de Trabalhadores Cativos na Cidade Portuária do Rio Grande (1864-1870) – Natália Garcia Pinto – — – *AEDOS: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*, Num. 4, vol. 2, Nov. 2009.

2009 – Fontes para a História da Saúde dos escravos no Brasil – Ângela Porto – 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 13/15 maio de 2009, Curitiba – Internet.

2010 – Os escravos e sua relação com a história da saúde na fronteira meridional do Rio Grande do Sul do século XIX – Carolina Bitencourt Becker – X Encontro Estadual de História – O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional. ANPUH-RS, 26/30 julho de 2010/Sta. Maria – Internet.

2010 – Reflexões médicas sobre as condições de saúde da população escrava no Brasil do século XIX – Alisson Eugênio – — – Revista de História Afro-Ásia, 42 (2010), 125-156.

2011 – Expectativa de vida e mortalidade de escravos: uma análise da Freguesia do Divino Espírito Santo do Lamim/MG (1859-1888) – Luiz Fernando Veloso Nogueira – — – Histórica: Revista do Arquivo Público do Estado de São Paulo, nº 51, dez., 2011.

2012 – Perigosas amas de leite: aleitamento materno, ciência e escravidão em *A Mãe de Família* – Karoline Carula – — – Revista História, Ciências, Saúde: Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 19, supl., dez. 2012, p. 515-522.

2012 – Mortalidade escrava durante a epidemia de cólera no Rio de Janeiro (1855-1856): uma análise preliminar – Kaori Kodama; Tânia. S. Pimenta; Fco. Inácio Bastos; Jaime G. Bellido – — – Revista História, Ciências, Saúde: Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 19, supl., dez. 2012, p. 59-79.

2012 – Doenças/*causa-mortis* dos escravos em Vassouras – Ana Maria Leal Almeida – III Encontro Nacional de Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente: Niterói/RJ, 2012 – Internet.

2012 – A triumphant decline? Tetanus among slaves and freeborn in Brazil – Ian Read – Revista História, Ciências, Saúde: Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 19, supl., dez. 2012, p. 107-132.

2012 – Reflexões sobre tráfico de africanos, doenças e relações raciais – Jaime Rodrigues – Revista História e Perspectiva, Uberlândia (47): 15-34, jul./dez. 2012.

2013 – Corpo escravizado: discurso médico sobre anatomia, doenças e cura no Rio de Janeiro do Oitocentos – Iamara da Silva Viana – 6º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional: UFSC, 15 a 18 maio de 2013 – Internet.

2013 – Trajetórias de benzedores negros ao sul do Brasil – Lorena Almeida Gill – 6º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional: UFSC, 15 a 18 maio de 2013 – Internet.

2013 – Os escravos da Misericórdia – Márcio Couto Henrique – — – Amazônia., Ver. Antropol. (Online) 5 (2): 386-410, 2013.

2013 – A saúde dos escravos na Bahia Oitocentista através do Hospital da Misericórdia – Maria Renilde N. Barreto; Tânia S. Pimenta – — – Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 6, n. 2, jul.-dez., 2013.

Número Total = 23 Artigos

Uma rápida apreciação comparativa dos títulos dos estudos/artigos contidos na compilação acima permite detectar facilmente que os assuntos “doenças”, “cura”, “saúde”, “longevidade” e “mortalidade” de escravos atendem plenamente à demanda apresentada neste sub-tópico III.6. A temática “doenças e morte de escravos”, por exemplo, aparece com certa frequência, ao lado de “práticas de saúde escrava”, estudos sobre “causa-mortis de escravos”, compilação de “fontes para a história das doenças de escravos”, “escravismo e epidemias”, etc. Os anos de maior produção foram: a) 2009: cinco Artigos; b) 2012: cinco Artigos; e c) 2013: quatro Artigos.

Importa ainda examinar a ausência de publicação de artigos nos espaços em vazio, compreendendo os anos de 2004, 2007 e 2014. No primeiro caso, é provável que o *I Seminário História das Doenças*, ocorrido justamente no ano de 2004, as pesquisas produzidas e apresentadas naquele primeiro evento foram as mesmas publicadas no livro “Uma História Brasileira das Doenças” – vol. 1, numa quantidade excepcional de 20 capítulos. Em relação ao terceiro caso, entende-se que o vol. 4 d “Uma História Brasileira das Doenças”, lançado em 2014, portanto muito recente, justifique em parte os motivos dessa lacuna. Já no que diz respeito ao ano de 2007, o evento “Doenças e escravidão” – ANPUH 2006 – teve como resultado a produção de seus Anais na modalidade de um CD-ROM, lançado em 2007 (que é o assunto do sub-tópico III.7 seguinte). Em sua totalidade esses vinte e três

(23) Artigos computados acima compreendem um conjunto importante de pesquisas que foram publicadas para disseminar esses estudos específicos da história das doenças de escravos, ainda em fase inicial de evolução.

Um CD-ROM contendo 15 Artigos sobre “Doenças e escravidão”(com 80% de estudos enfocando o século XIX e/ou parte dele)

No ano de 2006, vários pesquisadores reuniram-se para comporem um inusitado encontro: o simpósio temático denominado de *Doenças e escravidão: sistema de saúde e práticas terapêuticas*, com grande destaque no XII Encontro Regional de História – ANPUH/Rio-2006. Esse evento ocorreu de 14 a 18 de agosto de 2006, no campus da Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói/RJ. Uma convidada especial fez parte do encontro: Mary C. Karasch. Sua presença foi muito importante, conforme depoimento seguinte: “[...] nossa ilustre convidada, [...] A Prof^a. Mary Karasch teve sempre uma palavra de incentivo aos trabalhos e aos pesquisadores por mais iniciantes que fossem” (PORTO, 2006, p. 1).

Em 2007, seria lançado o CD-ROM contendo 15 (quinze) textos, reunidos e tendo como eixo norteador *Doenças e escravidão: sistema de saúde e práticas terapêuticas*, organizado e apresentado por Ângela Porto. Na parte inferior da capa do CD-ROM está escrito: Simpósio temático do XII Encontro Regional de História – ANPUH/Rio-2006. Ou seja: os estudos sobre a problemática em discussão neste trabalho dependem do suporte de eventos já consagrados, como os encontros regionais da ANPUH, os *I, II e III Seminários História das Doenças* e publicações de suas comunicações. Entretanto, diferente do número de artigos publicados nessas coletâneas, o “Simpósio reuniu uma grande [quantidade e] variedade de trabalhos” (PORTO, 2006, p. 1). Isso reforçou a necessidade de mais estudos nos domínios de história da medicina/doenças de escravos. “Visamos com esta iniciativa apresentar um panorama geral dos aspectos relacionados à saúde, tema que observamos disperso na historiografia brasileira sobre a escravidão” (PORTO, 2006, p. 1).

O CD-ROM em alusão reúne quinze Artigos distribuídos em quatro Capítulos, a saber: 1) – Escravidão e doenças: métodos, escolhas e caminhos; 2) – Marcas, ofícios e práticas: aspectos sociais da saúde de escravos e libertos; 3) – Epidemias,

controle sanitário e cenários da escravidão; e 4) – Imaginário das doenças e das curas: personagens e experiências.

Uma Dissertação de Mestrado e duas Teses de Doutorado

No Brasil deste século XXI, a produção de pesquisas acadêmico-científicas sobre as doenças, cura, saúde, longevidade e mortalidade de escravos é, grosso modo, pouco expressiva. Em se tratando de estudos desenvolvidos em Programas de Pós-Graduação em História, por exemplo, a produção de Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado sobre temática tão específica é ainda mínima. Porém, esta “avaliação apressada” é apenas um viés entre tantos outros sobre um assunto recente, cujo marco inaugural foi a tradução para o português do livro de Mary C. Karasch. No ano de 2000 houve, por assim dizer, uma quebra de paradigma no que se refere aos silêncios da História em relação a “Doenças e mortalidade de escravos” no Brasil escravista. O livro de Karasch (2000) rompeu os grilhões desse silêncio: “[...] a grande contribuição de sua obra para a historiografia brasileira se deu junto ou posteriormente à significativa produção sobre escravidão no Brasil da década de 1980 e, certamente, **se tornará mais visível com a edição em português**” (PIMENTA, 2001, p. 2, grifo nosso). Foi a partir dessa visibilidade que as primeiras pesquisas feitas por brasileiros em “História da medicina e da saúde” e “Uma História brasileira das doenças” resultaram em publicações inaugurais desse tipo de historiografia, no Brasil de início de século XXI.

No processo de aprofundamento da proposta da “doença como fenômeno social”, aos poucos surgiram os primeiros trabalhos acadêmico-científicos sobre “doenças e mortalidade de escravos” como objeto de pesquisas desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação em História. Neste tópico, três desses trabalhos são apresentados como amostragem dessa produção iniciante:

1. Dissertação de Mestrado – ano de defesa: 2010. Título: “Doença e cativo: um estudo sobre mortalidade e sociabilidades escravas no Rio de Janeiro, 1809-1831”. Pesquisa desenvolvida por Keith Valéria de Oliveira Barbosa. Trata-se de um estudo “completo” focado exclusivamente na questão das “doenças e mortalidade de escravos”. A pesquisa

surpreende pela forma como o texto é desenvolvido: análise de doenças e mortalidade de escravos vivendo em subúrbios “imundos”, de onde emergem para denunciar o descaso por parte de uma saúde pública “inoperante”, negligente. “A partir do encontro de reflexões em torno da história da escravidão e das doenças, [...] procura-se analisar cenários sobre a vida escrava até então pouco acessíveis ao olhar do historiador” (BARBOSA, 2010, p. 12).

2. Tese de Doutorado – ano de 2011. Título: “O corpo escravo como objeto das práticas médicas no rio de Janeiro (1830-1850)”. Autoria: Silvio Cezar de Souza Lima. Eis outro estudo “completo”, isto é, com enfoque exclusivo na questão do escravo doente enquanto objeto de estudo. O autor desse trabalho tem como proposta central demonstrar que e como o contexto social e complexo da escravidão no Rio de Janeiro das primeiras décadas do Brasil Império influenciou decisivamente no exercício de práticas e de operação dos saberes médicos então vigentes. O pesquisador investe equitativamente na análise das “Doenças, medicina e escravidão” e do “corpo escravo como objeto de ciência”. Faz-se veemente denúncia da precariedade historiográfica, de questões de ordem teórico-metodológicas que mais dificultam do que facilitam a conciliação desses campos de saberes: “Os estudos que estão na interseção entre a história da saúde e a história da escravidão foram tratados no Brasil de maneira periférica por ambas as historiografias por muitas décadas” (LIMA, 2011, p. 15).

3. Tese de Doutorado – ano de defesa: 2014. Título: “Escravidão, saúde e doenças nas *Plantations* cafeeiras do Vale do Paraíba fluminense, Cantagalo (1815-1888)”. Autoria: Keith Valéria de Oliveira Barbosa. Mais um estudo “completo”, abordando exclusivamente a problemática das doenças, saúde e mortalidade de escravos, no Estado do Rio de

Janeiro. A autora, a exemplo de outros estudiosos, propõe-se revelar “[...] novas perspectivas a respeito de historicidades muito mais complexas do que até então se entendia” (BARBOSA, 2014, p. 6). Nessa Tese de Doutorado há maior preocupação com questões de âmbito teórico-metodológico. Não se faz uso apenas de um tipo de texto, no caso muito comum, o texto escrito. Barbosa (2014) coleta o número inusitado de 27 textos iconográficos. No entanto, sente-se a falta de uma descrição por escrito (mediana, ao menos) sobre cada uma dessas ilustrações. Há grande preocupação com o método quantitativo: são 27 Ilustrações, 55 Tabelas, 9 Gráficos (e 4 Anexos). O somatório desses itens corresponde ao total de 95 quesitos. Em uma pesquisa de 231 páginas, esses 95 quesitos representam parte considerável da obra. Contudo, essa peculiaridade não diminui a qualidade e importância do material escrito.

IV. Considerações finais

Neste breve exame da produção de pesquisas recentes – período de 2004 a 2014 – sobre doenças e mortalidade de escravos africanos no Brasil oitocentista, inferiu-se que o *I Seminário História das Doenças* (ocorrido em 2004) foi o evento inaugural para o limiar do que se ponderou como tendo sido o “nascimento” de uma nova fase sobre os estudos da escravidão africana em território brasileiro, tendo-se como perspectiva o aumento na produção de pesquisas voltadas para a história das doenças, saúde e mortalidade de escravos no Brasil do Oitocentos. Ao longo da exposição aqui promovida, detectou-se que ainda não há uma historiografia em proficiência sobre essa temática, considerada ainda nascente. Deixa-se em aberto a proposta para aqueles que quiserem tomar para si a responsabilidade no sentido de resgatar do silêncio profundo milhares de vozes de sujeitos com suas histórias inéditas de vida para serem narradas à luz da ciência neste início de século XXI.

Referencial bibliográfico

BARBOSA, Keith Valéria de Oliveira. **Doença e cativeiro**: um estudo sobre mortalidade e sociabilidades escravas no Rio de Janeiro, 1809-1831. 2010. 102f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2010.

BARBOSA, Keith Valéria de Oliveira. Vida e morte escravas no Rio de Janeiro Oitocentista, 1820-1836. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (Org.). **Uma história brasileira das doenças**, v. 3. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010. p. 85-109.

BARBOSA, Keith Valéria de Oliveira. **Escravidão, saúde e doenças nas Plantations cafeeiras do Vale do Paraíba fluminense, Cantagalo (1815-1888)**. 2014. 269f. Tese (Doutorado em História) – Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. Prefácio. In: MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 7-10.

CHALHOUB, Sidney. Múltiplos olhares sobre doença e história no Brasil. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 515-17, abr.-jun., 2006.

EUGÊNIO, Alisson. Relatos sobre as condições de saúde da população escrava no Brasil. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; MACIEL, Ethel Leonor Noia (Org.). **Uma história brasileira das doenças**, v. 4. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 11-34.

FALCI, Miridan Britto; ALMEIDA, Ana Ma. Leal. **Relatório Final do Projeto de Pesquisa Saúde, Doenças e Morte dos Escravos**: Vassouras, século XIX. 2004. Disponível em: <www.historia._demografica.tripod.com/bhds/bhd35/relatmirid.pdf>. Acesso em 14 out 2013.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. As doenças dos escravos: um campo de estudo para a história das ciências da saúde. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do;

CARVALHO, Diana Maul de; MARQUES, Rita de Cássia (Org.). **Uma história brasileira das doenças**, v. 2. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p. 252-273.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

GRAIEB, Carlos. A vida como ela era: o cotidiano dos escravos do Rio de Janeiro, por uma americana que fez a nossa lição de casa. **Revista Veja**, São Paulo, Edição 1.662, ago. 2000.

LIMA, Silvio Cezar de Souza. **O corpo escravo como objeto das práticas médicas no Rio de Janeiro (1830-1850)**. 2011. 208f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

MATTOSO, Katia. M. de Q. Ser escravo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982.
NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de. (Org.). **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de; MARQUES, Rita de Cássia (Org.). **Uma história brasileira das doenças**, v. 2. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

PEREIRA, João Batista Borges. Prefácio. In: Clóvis Moura. **Dicionário da Escravidão Negra no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 9-10.

PIMENTA, Tânia Salgado. Um guia da vida dos escravos no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, vol.8, no. 2, jul./ago., p. 1-6, 2001.

PORTO, Ângela (Org.). **Doenças e escravidão**: sistema de saúde e práticas terapêuticas. Simpósio temático do XII Encontro Regional de História – ANPUH/RIO- 2006. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz [2007]. 1 CD-ROM; il.

PORTO, Ângela. Fontes e debates em torno da saúde do escravo no Brasil do século XX. **Revista Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 726-734, dez. 2008 (Suplemento).

RODRIGUES, Jaime. **De costa a costa**: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RODRIGUES, Jaime. Arquitetura naval: imagens, textos e possibilidades de descrições dos navios negreiros. In: FLORENTINO, Manolo (Org.). **Tráfico, cativo e liberdade**: Rio de Janeiro, séculos XVII-XIX. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2005. p. 79-123.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A metrópole dos escravos: resenha de A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808-1850, de Mary Karasch. **Afro-Ásia**, Salvador, 25 - 26, p. 421-425, 2001.